

Biblioteca Pública de

Braga

TRIBUNA LIVRE

6
JANEIRO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

A TRADICIONAL MENSAGEM DO CHEFE DO ESTADO

A TODOS OS PORTUGUESES

É o seguinte o texto da mensagem que o Chefe do Estado, sr. contra-almirante Américo Thomaz, dirigiu na passada segunda feira, pela Rádio e pela Televisão, a todos os portugueses:

«Conforme afirmei no dia 1 de Janeiro de 1959, impõe a tradição que, no limiar de cada ano, o Chefe do Estado dirija uma mensagem à Nação, pondo as suas esperanças no ano que desponta e formulando os melhores votos pelo bem-estar de todos os portugueses. O cumprimento dessa obrigação, voluntariamente assumida, venceu as razões que este ano me aconselhavam o silêncio e por isso vos falo, sem naturalmente esconder que o faço com a alma amargurada e revoltada pela agressão de que Portugal foi vítima na Índia.

«Não decorreu benêficamente para nós o ano de 1961, pois os acontecimentos desagradáveis, que nos afec-

taram, sobrelavaram em muito, os que deixaram de si boa recordação. Nestes, referirei apenas os principais, ou sejam as inaugurações da Central de Miranda do Douro e da Siderurgia Nacional, a entrada ao servivo do *Príncipe Perfeito* e do *Infante Dom Henrique*, e a viagem oficial do Chefe do Estado a Madrid. A inauguração da Siderurgia Nacional representou um passo firme no sentido do desenvolvimento industrial do País e a viagem a Madrid mostrou bem como duas Nações vizinhas podem viver na mais santa paz, estimando-se e respeitando-se, como poucas haverá ainda. Nos acontecimentos trágicos que afectaram profundamente a vida e a sensibilidade da Nação, avultaram os chamados casos de Angola e da Índia, que tanto sangue português custaram já. E em qualquer deles fomos apenas vítimas e somos, portanto, acusadores e não réus. A

esses casos me vou referir seguidamente.

«A campanha movida, primeiramente na sombra, contra o bastião português no ultramar, tomou vulto nos últimos meses do ano de 1960, quando ainda soavam os ecos das comemorações henriquinas, em que estiveram representados muitos dos países que contra nós depois votaram nas Nações Unidas. O motivo da campanha — o pretenso colonialismo português

(Continua na 4.ª página)

A intentona de Beja e a acção repressiva que se impõe.

Indiferentes aos interesses nacionais, ao sentimento patriótico dos bons portugueses, três ou quatro militares demetados pela ambição do mando e pelas excessivas liberdades que lhes concederam depois de se denunciarem contra o Regime no último acto eleitoral (sempre a excessiva benevolência), arremeteram meio cento de operários e vai de tentarem ocupar o Regimento de Infantaria 3, em Beja.

Reagiu a Nação, impõe-se que a autoridade e o poder político reajam também acabando com uma benevolência que vem causando os maiores

males, que tantos ensejos tem oferecido aos perturbadores da ordem.

Em cada momento de paz e serenidade infiltram-se nas nossas fileiras aqueles que só bus-

Continua na 4.ª página

Concurso de obras do maior interesse

Está aberto concurso que termina já no próxima sábado para adjudicação das obras: pavimentação do lado norte do Largo Dr. Oliveira Salazar, pavimentação da Rua Nova e da Rua Sá de Miranda, e abertura e pavimentação da estrada Ferreiros-Proselo.

Dá-nos este concurso ideia das dificuldades com que se debatem os Municípios.

Se as propostas seguirem a norma de se superiorizarem ao orçamento a Câmara ver-se-á na impossibilidade de realização.

Tem este concurso a particularidade de poder ser tentado por quem reúna as condições de idoneidade, mesmo sem ser profissional, atendendo a que é de carácter limitado.

Também a nossa notícia tem a intenção de despertar os concorrentes no sentido de conseguir que da concorrência surja uma proposta em que o dispêndio do Município se torne acessível e a Câmara possa levar em frente estas realizações da maior importância. Para quem desejar o progresso do concelho estes dias são de justa ansiedade à espera de que não falte o entusiasmo e o comedimento a quem possa concorrer a esta série de obras da maior importância.

VIDAS EXEMPLARES

IV

Zacuto Lusitano

Em 1575 nascia em Lisboa o ilustre médico Zacuto Lusitano, uma das mais notáveis autoridades da medicina, no século XVII, e cujo exemplo de dedicação bem merece ser apontado às novas gerações estudiosas.

Durante mais de 30 anos esteve Zacuto ao serviço da grande fortuna da saúde, combatendo o flagelo da doença com a constância, a dedicação e a perseverança dos verdadeiros apóstolos. E quando, já no declínio da sua nobre vida, teve de ausentar-se da Pátria que tanto amara, vindo por fim até a morrer no estrangeiro, nem por isso deixou de prosseguir na sua cruzada salvadora, continuando a destacar-se, não só no campo médico, mas também no das Letras, devendo-lhe a humanidade algumas obras notáveis, sobre medicina e anatomia.

Esta última ciência, que foi, sem dúvida, uma das mais delicadas e reveladoras do seu tempo, logo chamou a atenção de Zacuto, observador de fina e acerada penetração.

Da sua longa vida de pensador e de médico irradiou também a triste lição de que não basta ser-se inteligente, bom e generoso para se ser compreendido no tempo em que se vive. A justiça caminha

por vezes com dolorosa lentidão, mas por fim chega sempre a tempo para restabelecer a verdade e proclamar a supremacia do espírito, prestando a devida homenagem aos autênticos servidores da Pátria e da Humanidade.

O trabalho generoso desses pioneiros do progresso nunca é inútil, pois, mesmo quando porventura ignorado pela História, nem por isso deixa de ser um elo mais na grande cadeia milenária dos factores da Civilização e da Cultura, já que o passado está cheio de heróis anónimos que lutaram e sofreram para que o Homem perdure e seja cada vez melhor pela grande força redentora do Bem.

A GUINÉ PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior de Lafuente, que era mandatário do Contrato e Comércio em toda aquela Costa, para persuadir António de Barros Bezerra lhe mostrara a referida ordem e foi ao ponto de lhe dar uma tradução em português que, na mesma ocasião, o denodado patriota a remetiera

a Sua Majestade, afim-de ficar bem ciente do que se passava naquele seu Domínio com os estrangeiros.

Era com essa Ordem nas mãos que os franceses se arrogavam senhores daquelas terras, por direitos que lhes não pertenciam, e pela força das armas

(Continua na 5.ª página)

Um povo de «reformados» em 1975?

Quando o astrónomo inglês Eduard Halley estabeleceu em princípios do século XVIII as suas primeiras tabuadas de longevidade, baseadas nas estatísticas da cidade de Breslau, verificou que a média da idade atingida era de pouco mais de trinta anos. Cem anos mais tarde essa média era de trinta-e-dois, entre 1920 e 1930, na Alemanha, de sessenta-e-cinco anos. Hoje em dia os homens atingem na República Federal da Alemanha, em média, a idade de sessenta-e-seis e as mulheres a idade de setenta-e-um anos. Mais de dez por cento da população contam hoje mais de sessenta-e-cinco anos. A percentagem deste grupo era, há cinquenta anos, de apenas cinco por cento. Segundo os cálculos

dos peritos de estatística esse processo tende a acentuar-se nos próximos decénios.

A parte material do problema suscita uma série de dificuldades. Quando no ano de 2.000 mais de vinte por cento de todos os alemães tiverem atingido a idade de reforma, será difícil desviar do produto social as quantias necessárias para as reformas e pensões. No orçamento do Governo Federal em Bonn as verbas destinadas a reformas e pensões já são tão elevadas como as verbas para o pagamento do pessoal activo. Em 1975 cada terceiro habitante da Alemanha Ocidental viverá de uma reforma. Os impostos e as contribuições já perfazem 33% das rendas, média

Continua na 5.ª página

TRIBUNA FEMININA

Porque é que

OS HOMENS SÃO ASSIM?

Ela casara nova; teimou em dar o passo e muito contra a vontade dos pais nem sequer separação de bens, nem nada que a defendesse no futuro.

Como no início de vida tudo fosse complicado, difícil mesmo, ele muito lacrimoso, gestos teatrais dissera-lhe que partiria para qualquer parte em busca duma situação desafogada e, depois, mandá-la ir.

Está-se mesmo a ver a reacção da rapariguinha que de olhos muito fechados se abraçara a ele, dizendo que tinha rendimentos suficientes para ambos viverem bem e, depois, quando ele tivesse uma situação razoável, então sim, seria ele a sustentar a casa.

Foi o que ele quiz ouvir...

Os anos decorreram, ele vai trocando automóveis como se mudasse de fato, esquece-se de arranjar situação; vai duas e três vezes por ano ao estrangeiro, etc... etc... Lamenta-se porque é um homem sem sorte, ainda não conseguiu arranjar uma situação compatível com as suas possibilidades...

Ela hoje já não é a ingénua dos vinte anos, entende tudo muitíssimo bem, mas há cinco filhos a quem ela diz cons-

tantemente quando o pai chega atrasado ou não aparece para as refeições: — «Os negócios do vosso pai não lhe dão um minuto livre».

...No entanto, muito embora, ela veja e saiba que pode continuar a sustentar o marido, com as mesmas exigências de até aqui cravou-se-lhe uma ruga de desespero que nunca mais se apagará.

Para cúmulo uma destas noites, ele telefona-lhe dizendo que chegaria mais tarde, através do fio do telefone ela ouvia risadas alegres e uma voz feminina muito delambida. Pousara o auscultador, limpou uma lágrima que teimara aparecer e foi ter com os filhos dizendo:

— «Vão lavar as mãos e vamos jantar porque o Papá tem muito que fazer e não pode jantar connosco...»

Nisto o telefone torna a tocar.

Ele novamente — Ó filha, desculpa incomodar-te, o Rogério seguiu agora para aí entrega-lhes, fizes o o favor, dois mil escudos...

Porque é que os homens são, assim? Pensamos nós quando nos aparecem estes e outros exemplos.

A MULHER PERANTE A VIDA

A missão da mulher como educadora

A Missão da mulher como educadora é sempre difícil e requer através desta época muita energia, inteligência e espírito de sacrifício. Esta missão deve ser feita com profundo devotamento e também uma boa formação religiosa. É baseada na doutrina de Cristo que a mulher deve educar os seus filhos, alunos ou quem quer que lhe seja confiado.

Muitos julgam que educar é só instruir. Entretanto cada qual tem o seu lugar distinto; mas hoje, em muitos casos, ao contrário do que devia ser, a instrução toma um lugar de maior vulto. Para certos pais a boa educação consiste na formatura dos seus filhos. É realmente necessário preparar-lhes o futuro material, mas não deve esquecer-se que, a par da instrução há uma tarefa mais espinhosa a cumprir. Não basta desenvolver e intelecto cultivar a inteligência. É necessário também formar o carácter para que haja uma formação integral do indivíduo. É especialmente à mãe que cabe essa

sublime missão de educadora. Diz alguém que é do berço que a mãe começa ternamente a preparar o seu filho.

Efectivamente na tenra idade da infância é quando melhor se recebe uma orientação moral e social, que fica pela vida fora arraigada no fundo do coração, sobretudo se esses ensinamentos foram dados na palavra terna e doce da mãe, repassada de amor.

De quem amamos e de quem nos ama facilmente se aceita correcção ou censura, sugestão ou preceito.

E se o exemplo dos pais se junta à palavra, tudo caminha maravilhosamente, pois, como dizia o Padre António Vieira, aprende-se ainda mais pelos olhos do que pelos ouvidos.

Como pode dar uma boa educação quem não põe em prática os bons princípios que preconiza?

Atrevemo-nos por isso a dizer que seria preciso também cuidar da educação dos pais, que muitas vezes não são educados.

Deveríamos inculcar sobre-

Decoração

A decoração do seu lar merece tanta atenção como o arranjo de si própria, ou mesmo a preocupação do que há-de fazer para o almoço e o jantar do seu marido, que diga-se a verdade um pouco esquisito.

Uma jarra, um bibelot são o suficiente para que o seu quarto ou sala de estar, a sala comum ou mesmo a varanda de inverno, toma outro aspecto.

Usam-se imenso as lousas com pinturas manuais.

Repare nesta jarra, é bonita não é?

Encontrar uma jarra igual, talvez seja um pouco difícil, mas semelhante não vejo dificuldade.

Por todas as cidades do País há casas que somente se dedicam a estes artigos. Tal como a varinha mágica, quando entramos, fica-se logo maravilhada.

CROCHET

— Oxalá que a sua primeira refeição do ano tenha tido este maravilhoso cenário e decoração.

Já repararam concerteza como esta dá riqueza e personalidade.

Executada em Mercer corrente, n.º 20 esta toalha não é de difícil execução. Tem graça que tivemos uma toalha igual em exposição quando do Concurso de Bordados e Crochet.

A toalha devidamente colocada na mesa onde se vê a beleza do conjunto apresenta-se um pequeno pormenor para que as leitoras não tenham tanta dificuldade.

Será bom avisá-las que dentro em breve começaremos novo concurso, é altura de deitarem os olhos aos trabalhos que formos apresentando.

tudo à mãe que está mais em contacto com a criança, nos primeiros anos, a prática dessa boa educação que deve ensinar aos filhos, e que não há mestre que possa impô-la se no lar a criança não a receber. E quantas vezes os próprios mestres, instruídos e até bem intencionados, falta também essa educação que no lar se adquire, pela palavra e pelo exemplo!

Sendo pois tantos, e de tão grande importância os deveres da mulher, ela deve preocupar-se sempre com a forma de conhecê-los e desempenhá-los como lhe cumpre.

Ou vai a mulher portuguesa perder a tradição que a considera a mais terna das mães e a mais carinhosa obreira da felicidade dos seus filhos?

Culinária

Filetes de pescada à Portuguesa

Ensopar os filetes com Vinho do Porto seco; preparar tomates cortados e rodela de cebolas alouradas em azeite com o molho restante do ensopado; temperar; ligar com um molho aveludado; juntar salsa.

Lampreia com Vinho do Porto

Escaldar a lampreia para a pelar facilmente; pôr manteiga ao lume, juntar-lhe farinha, regar com Vinho do Porto seco, juntar pimenta, canela, casca de limão, uma raminha de cheiro, cebolas e a lampreia cortada em pedaços; cozer durante 1 hora; ligar com o sangue da lampreia que foi posto à parte; guarnecer com cantos de pão.

Solha assada

Barrar a solha de manteiga, levá-la ao forno, regar com Vinho do Porto seco, azeite e sumo de limão; ligar o molho com fécula antes de servir; temperar a solha com sal, pimenta e pepino de conserva.

Bacalhau com Vinho do Porto

Passar, por farinha, fatias de bacalhau, fritá-las em azeite, colocá-las num prato de ir ao forno. Cozer, em azeite, tomates cortadinhos, cogumelos às tiras, alho, sal, pimenta e salsa; regar com Vinho do Porto seco; deitar tudo isto sobre o bacalhau, salpicar com pão ralado e meter no forno durante 15 m. Juntar azeitona durante a cozedura, se for necessário.

Filetes à São Miguel

Passam-se os filetes por leite e depois por farinha. Em seguida, numa frigideira com pouco azeite, alouram-se dos dois lados.

Depois dos filetes estarem alourados, colocam-se numa tabuleira untado com manteiga, regam-se com Vinho do Porto e vão ao forno para acabar de cozer.

A parte tem-se feito molho branco no qual se mistura o Vinho do Porto que cozeu o peixe.

Servem-se os filetes dispostos numa travessa guarnecidos com espargos gratinados e mexilhões cozidos e fritos.

Soneto para a cidade de Vigo

Deite o meu coração, era eu menino,
Ó cidade de névoa e de rosais!
Deite o meu coração e nunca mais
Te apartaste de mim, do meu destino!

Esse amor era alegre como um sino,
Como uma rovoada de pardais.
Vestia-te de púrpuras reais,
Cantava em nossa alma um violino.

— Gôndolas de oiro, onde é que elas ficaram?
E porque foi que as harpas se calaram?
Ó vida, o que fizeste desse amor?

Que hoje, velhinho, fui em busca dele,
P'ra matar a saudade, que é de fel,
E a saudade, afinal, inda é maior?!...



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CAIRES

Falecimentos

No fim do ano de 1961, faleceu no lugar do Freixeiro desta freguesia de Caires, a Senhora D.^a Maria Aurora de Carvalho — casada, proprietária, de 65 anos de idade. Era saudosa mãe do nosso particular amigo snr. José Maria Alves o ilustre membro da Junta da freguesia. Após longo tempo de sofrimentos teve uma morte Santa, d'uma verdadeira alma de eleição.

Foi grande a manifestação de pesar que ao Freixeiro tudo ali acodeu — pessoas de perto e de longe e de todas as camadas Sociais, foi longo o extenso o cortejo fúnebre acompanhado de muitas Irmandades em direcção à Igreja Matriz de Amares onde se fizeram solenes exéquias assistidas de numeroso clero e fieis e em cujo cemitério ficou sepultado o seu corpo rodeado de flores e corôas. As missas do 7.^o dia em Caires e Amares foram muitíssimo concorridas. É porque se trata de uma família numerosa e distinta a quem enviamos as nossas mui sentidas condolências. Paz á sua bela alma. Também faleceu em Besteiros — no dia do Ano Novo, a simpática velhinha D.^a Maria Josefa de Castro — da distinta família dos Almeidas e avó muito estremecida e querida do nosso respeitável amigo snr. António Bernardino Barbosa de Macedo da Feira Nova Tinha 95 anos feitos. As suas exéquias em Besteiros também foram solenes e esplendorosas. Muito amiga dos pobres e dos seus antigos párocos — lhes abria sempre, sorridente, todas as suas portas e donativos. Que descanse em Paz, Santa Velhinha. Aos seus filhos e netos, e a toda a família, enviamos as nossas condolências muito sinceras, com lágrimas e orações de gratidão.

Também faleceu no lugar do Paço, desta freguesia de Caires, o senhor António Aurélio Brandão, casado, de 85 anos de idade muito conhecido pelos seus amáveis cânticos de violão e motes engraçados. Estava sempre muito bem disposto — também o seu funeral foi muito concorrido e com ofício bem entoado na véspera da festa dos Reis, foi mais um hino de louvor que todos entoamos e cantamos em honra do Deus Menino, adorado pelos três Reis Magos do Oriente.

Paz á sua alma e sentidas condolências a toda a Família Batista desta freguesia.

Aniversários

Felicitemos o insigne Director da Tribuna Livre pelo seu aniversário natalício, ocorrido

em o passado dia 2 — o do Senhor José dos Santos Menezes, em dia de Ano Novo — o da gentil menina Maria Augusta da Silva Gonçalves, filha da Senhora D.^a Felormina do Porto, h. je, dia de Reis — e o do velho amigo Aparício Miguel Alves — de Caires — ausente no Brasil — que o festeja no dia 7 do corrente (Domingo). A todos desejamos as melhores janeiras, e a melhor prenda de Reis ao iniciarmos este Ano Novo, que a todos desejamos; seja venturoso e feliz. — C.

RENDUFE

Caça ao tordo

Esta espécie de caça migratória que durante os 90 dias de permanência em Portugal se alimenta de azeitona, deve dar um prejuízo considerável á lavoura. Que cada pássaro come 200 gr. por dia e atendendo ao seu elevado número, é de calcular que, para eles vão algumas toneladas.

Em face do elevado custo da hospedagem dos simpáticos turistas, bem seria que a sua caça fosse livre o que será possível e muito justo se a Comissão Venatória ponderar o assunto e algum membro dela tenha olivais para se interessar pela sugestão.

Recenseamento eleitoral

De 1 de Janeiro a 31 de Março os cidadãos com direito a voto serão inscritos nas sedes da Junta de Freguesia. Os mesmos cidadãos no referido prazo devem procurar saber se o foram para não haver queixumes no acto das eleições. As obrigações são recíprocas. — C.

LÚCIO DIAS

Em sua casa de residência, sita na freguesia de Ferreiros, desta Vila, faleceu na passada terça-feira o senhor Lúcio Dias, de 64 anos de idade, motorista da Viação Auto-Motora.

Figura muito conhecida no nosso meio pela simpatia que irradiava, atencioso e bom chefe de família, causou a maior consternação.

O seu funeral, que se realizou na passada quarta feira, teve a presença de muito povo.

À família enlutada apresentamos os nossos sentidos pesames.

Falecimento

Lisboa 28 — Depois de uma longa temporada no Hospital em Lisboa faleceu no dia 28 p. p. o nosso conterrâneo, Carlos Gonçalves Pereira, filho do nosso particular amigo e assinante deste Semanário. Senhor Júlio Pereira e de Adelaide Gonçalves, comerciantes do lugar do Eido desta freguesia de Goães. Estando ao serviço da Armada Portuguesa que lhes prestaram as honras do Ministério da Marinha e foi muito concorrido o seu funeral. Este infeliz foi vítima de desastre quando seguia numa Lambreta ficando gravemente ferido e em estado cômico que resultou a sua morte. Era casado com a senhora Teresa Pinto Lopes da casa do Paço desta freguesia de Goães e deixou duas orfãs uma de dois anos e outra com poucas horas antes do seu falecimento.

Á viúva e aos pais do desventurado rapaz sentidas condolências e ao eleito a Páz da sua alma.

EM FÉRIAS

Encontra-se nas Termas de Caldelas em gozo de umas merecidas férias o nosso assinante Snr. Manuel Afonso Pereira distinto funcionário na C.U.F. em Bombarral.

Aproveitando a passagem por cá estive a apresentar cumprimentos nesta redacção em companhia de seus pais.

GOÃES

Falecimento

Há dias faleceu nesta freguesia o senhor Venâncio Exposto do lugar da Venda originado por uma queda que não poupou a vida deste infeliz. Que Deus lhe dê o eterno descanso.

Medidas a tomar

As autoridades administrativas desta freguesia levadas pelo desmazêlo ou por qualquer conveniências tem deixado ao abandono os interesses paroquiais que acarretam grandes prejuízos ao público. Existem uns pequenos centímetros nas margens dos caminhos mesmo particulares e fazem opeção por coisas tão pequeníssimas que não pertencem á administração paroquial mas sim aos seus confinantes. Acontece que temos nesta freguesia um Baldio Paroquial nas Cambas inscrito na respectiva matriz sob o artigo 741 que está a desaparecer sem que as autorida-

CARTA DE LAGO

***** Meus caros amigos presentes e ausentes *****

Estais cheios de baptizados e mortes... É preciso variar, e oxalá a vida se torne mais feliz, ne-te vale de lágrimas, onde há já tanto pessimismo.

Encontrei hoje um discípulo, de tempos que não voltam, e num breve diálogo, disse-me ele: — Que tal vai a saúde! — Vamos andando, gemendo e chorando... — É assim mesmo! Estamos já na descida!... Mas, deixa-lá: pelos caminhos que o mundo está levando, não teremos saudades ao deixá-lo. — E, a rir, despedimo-nos.

«Pelos caminhos...»

Esta frase do meu velho amigo deixou-me a pensar nas «torturas» do mundo que vivemos. Os Nerhús tomaram Goa, Damão e Diu, apesar de lhes não pertencerem, e não receram tirar a vida a milhares de soldados e civis. Por direito aquelas terras eram nossas e estavam em nosso poder. Mas o direito foi para lixo e veio a força criar o direito do mais forte. A O.N.U. destina-se a proteger os fracos da prepotência dos fortes. Deixou-nos só!! Como aliada a Inglaterra devia auxiliar-nos; a Nato, que tanto nos tem custado, devia ajudar-nos também. Mas guardam as armas e prometem apoio diplomático, isto é: palavriado sem utilidade, a não ser para o direito da força.

Dois cães

No dia de Ano Novo, encontraram-se dois cães, junto da igreja de Lago, tão diferentes, que um cabia na barriga do outro. O grande aproximou-se, com brandura, atento aos movimentos do pequeno, que, orgulhosamente, não baixou a cauda... Cheiraram-se, num cumprimento delicado, e ar prazenteiro, como associados da O.N.U., resolveram a solucionar os conflitos em conferências e jantares abundantes. Entretanto o «grande» pensou lá consigo: — Ora, anda este garnisé aqui a estorvar e a comer-me os poucos rosquilhos abandonados pelas valetas... Tem de morrer!! — Depois de breves esticadelas da pele do pequeno, o grande envolveu-o o pescoço com a poderosa dentadura e... era uma vez um cão pequeno! Dois rapazes crescidos estavam próximos. Mas limitaram a intervenção ao «apoio diplomático»: — sai cão! sai cão! — Mas o cão grande, com o pequeno agarado no pescoço, não queria saber da vazearia do «apoio diplomático» resolvido a acabar a tosse do competidor dos rosquilhos... Só quando intimou os rapazes a deixarem o «apoio diplomático», e entrarem imediatamente na guerra, com todos os meios possíveis o cão pequeno ficou livre e escapou-se para o quintal do patrão. Não gritou em vão! Portugal pequenino, tacado por um gigante, não baixou a cauda; resistiu e gritou... Mas não houve quem intimasse os «rapazes a entrarem na guerra... e eles ficaram-se no «apoio diplomático» muito comodamente. E nós...

A lei protege ladrões

Na vida internacional não é a lei que protege os ladrões: é a cobardia e a hipocrisia que leva os povos a inventar razões para não cumprirem os tratados!...

Cá entre nós dá-se o mesmo, embora de modo diferente. Assim: Um cavalheiro queria vender uma casa. Foi oferecê-la ao inquilino. E ele não quis comprá-la. Alguém, que pretende casar, comprou-a e notificou disso o inquilino, para a deixar em dois meses. Este diz que não sai, não pagou, dois anos e tal, ao senhor vendedor, e diz que não paga à compradora. Uma pessoa sensata arranhou habitação para o inquilino; mas este, já com horta plantada no quintal da nova casa, não vai para lá! A comprado-

(Continua na 5.ª página)

(Continua na 5.ª página)

A TRADICIONAL MENSAGEM DO CHEFE DO ESTADO

A TODOS OS PORTUGUESES

(Continuação da 1.ª página)

—era apenas um pretexto para nos substituírem em África e quando provocaram, de fora para dentro, os actos de terrorismo no Norte de Angola, logo se ousou afirmar que Portugal constituía um perigo para a paz mundial. Portugal, que nunca perturbou a paz do mundo durante tantos séculos, guindado súbitamente agora, sem força sem conveniência e sem qualquer belicismo, a perturbador da paz. Ora o que se passou no ano de 1961 foi precisamente o contrário: perturbaram a paz de Portugal, que vivia pacificamente a sua vida, sem se intrometer nos negócios alheios. Provocaram assim milhares de mortos em Angola, de que são responsáveis, e possibilitaram a agressão à Índia Portuguesa, em que o sangue lusitano correu também fartamente, em defesa daquela parcela tão querida do sagrado solo da Pátria. E por que desceram todas estas desgraças sobre Portugal?

—Porque grande parte do Ocidente se deixou contagiar por ideias erradas ou prematuras, sem atentar que está fazendo o jogo do inimigo, em vez de se opor aos seus designios, esquecendo que o inimigo é hábil e procura subtilmente insinuar aquilo que mais lhe convém e crê não poder ser contestado. O pacifismo e a autodeterminação são capas que escondem intentos bem diferentes, mas os poucos que não são cegos, e sabem que só a verdade é eterna, percebem que a mentira se não pode manter indefinidamente e que tais capas acabam sempre por deixar ver o que pretendem encobrir.

—Porque a justiça e a rectidão deviam ser as constantes a regular a vida dos homens e sobretudo a acção dos governantes. E, ao contrário, o mundo de hoje, salvo raras excepções, mostra talvez mais do que nunca que a rectidão e a justiça têm o sentido que cada um em cada momento lhe atribui, consoante as conveniências próprias.

—Porque as Nações Unidas raramente se mostraram independentes ao longo da sua curta mas agitada vida e se tornaram ultimamente quase inexistentes e até prejudiciais, chegando a um parcialismo evidente nos casos de Angola e do Catanga e à inoperância total, na sua primordial missão, no caso de Goa. E essa inoperância, o que é mais grave, verifica-se normalmente apenas num sentido, tal como sucedeu

agora, também, à secular aliança luso-britânica.

—Porque havia um código que regulava as relações entre os povos, chamado Direito Internacional, que caiu em desuso. Embora nem sempre rigorosamente respeitado, constituía dentro de largos limites o escudo que protegia os fracos dos mais fortes. daqueles que, como suprema razão, recorrem à força bruta do seu poderio.

—Porque, se em todas as épocas e em todos os povos existiram ambiciosos e traidores, eles só valem o que valerem as forças estranhas que deles se servem para se servirem.

—Porque sendo presente a informação uma poderosa força, capaz de bem esclarecer a consciência da humanidade, há o risco dela ser usada num sentido contrário à verdade, à justiça e à razão por estar sujeita às paixões e aos erros que podem afectar os homens que a comandam.

«Foi tudo isto, que o Governo está ponderando, a origem dos massacres no Norte de Angola e agora da invasão da Índia Portuguesa. E, se em relação a esta, houve ainda quem a deplorasse, só em palavras, de resto, o certo é não ter isso obstado à acção bélica da União Indiana, fruto de um desmedido orgulho ferido e de uma surda inveja pelo que vive com maior bem-estar. Fora o argumento geográfico, que por si só nunca foi bastante, nenhum outro podia ser seriamente invocado, como os factos estão evidenciando claramente. Os goeses em todos os sentidos mais civilizados

do que os indianos, não desejavam a autonomia absoluta e muito menos a integração na União Indiana, em que aliás só tinham desvantagens. Daí a invasão do nosso território com efectivos e meios tão poderosos, ridiculamente poderosos até, para com eles poderem esmagar rapidamente a resistência dos nossos valentes soldados e marinheiros e da população goesa, que mostrou bem ser portuguesa e não indiana.

«Só a clamorosa razão que nos assiste pode justificar, neste primeiro dia do ano de 1962, as verdades que o Chefe do Estado entendeu não dever calar, na primeira vez que se dirige à Nação, após o atentado de que ela foi vítima

«Mas não quero terminar sem uma palavra de esperança e de fé no futuro da nossa Terra. Saber esperar foi sempre uma grande virtude dos portugueses e já noutras épocas da nossa história conseguimos reaver, algumas dezenas de anos depois, territórios que legitimamente nos pertenciam e de que tínhamos sido esbulhados. É também de crer que o Ocidente desperte finalmente da letargia em que tem vivido, apercebendo-se de que pode estar caminhando rapidamente para a pior de todas as escravidões.

«E é meu dever, neste dia, ambicionar para todos os portugueses um ano que não aumente as suas dores e antes as possa ir mitigando. Por mais amargurada que a alma se sinta, nunca deve descreer do poder de Deus. E n'Ele deposito as minhas maiores esperanças de melhores dias para Portugal.»

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo
mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amores

Visado pela C. de Censura

A intentona de Beja e a acção

repressiva que se impõe

(Continuação da 1.ª página)

cam a divisão que lhes serve e que em cada momento de excitação demonstram o que em verdade são.

É por isso que pedimos também a intervenção do poder político. Infelizmente é na imoralidade da condução da coisa política que se geram quase todos os males. Infelizmente é na política que vamos assistindo aos maiores erros, já que na administração o País é exemplar.

Por cá o seu descrédito é continuamente aumentado com decisões infelizes. Aqueles que combatem abertamente o Regime, que perfilham os ideais mais avançados são protegidos, escutados, mandam. O que ontem fazia corar toda a gente, que foi um engano que seria brevemente sanado, em volta do qual se fizeram as maiores

promessas, torna-se eterno porque convém a determinado elemento. Dão-se informações falsas para proteger maus elementos, perseguem-se os dedicados. Tudo vai em a clientela interessar ao cacique.

Quando chega o momento eles revelam o que são. Os nacionalistas que fazem uma marcha do silêncio, que oram pelos mortos no ultramar, que exaltam o Chefe que tanto o merece, sabem que eles os criticam e asseveram que está para breve. Funcionários públicos, especialmente corporativos, etc. . .

Há dias, certificando-se de diferentes actos, uma pessoa com responsabilidades desabafava: são os protegidos. . .

E são. Mas exigimos que deixem de ser para que de vez em quando se não firam os interesses da Grei e da Pátria

SER SACERDOTE

Ser Sacerdote é ser clarão Divino,
É «Sarça ardente» do Sinai de Amor!
É ter no coração um só destino
É dar-se pelas almas ao Senhor!

Ser Sacerdote é esconder no rosto
O rosto Sempiterno de Jesus!
É dar-se eternamente em holocausto
Levando ao seu calvário a imensa Cruz!

Ser Sacerdote é ser o pobrezinho
Trabalhador da Eterna Nazaré!
Morrer de sede agreste no caminho
Para matar a sede a S. José!

Ser Sacerdote é renegar à vida
Sem renegar à vida dos mortais;
É ter a chama sempre aos Céus erguida
Dum'alma pura em plenos lodaçais!

Ser Sacerdote é ter a honra inaudita
De ver poisar Jesus na sua mão!
É repetir a grandeza infinita
Do Amor que leva Deus à Encarnação!

Ser Sacerdote, enfim, é ser o Cristo
Encarnado de novo no seu Eu!
É marcar, desde o berço, no registo
O nome de outro Cristo, lá no Céu!

Gota d'Orvalho.



CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 22526

Braga

BELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

A Guiné Portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

usurpavam-nos o que tantos sacrifícios e vidas já até ali nos havia custado.

A Praça de Cacheu vivia só do comércio que os seus moradores faziam nos rios, portos, ilhas e continente, fora da barra, mas quando saíam para o Oceano, afim-de percorrermos, nas suas frágeis embarcações, aquelas inhóspitas e traiçoeiras terras, era-lhes vedada a passagem pelos estrangeiros que os esperavam, propositadamente, com os seus navios, e os obrigavam a retroceder ao ponto de partida.

As autoridades viam-se manietadas perante a arrogância de tal gente, visto não disporem de Fortes, de embarcações de alto bordo nem de guarnição suficiente para lhes gritar com intrepidez e firmeza: — Aqui é Portugal!

A manifesta inferioridade da guarnição ali destacada e os meios apropriados para uma eficaz defesa, levava as autoridades locais a tratar os estrangeiros, como um pigmeu ao seu onipotente Senhor.

Não faltava, porém, aos portugueses, que lá se encontravam, a fibra necessária para mais um épico feito, mas o que não tinham, em terras tão distantes, eram os meios de lhes impor, pela força, os seus direitos.

Cacheu via-se, assim, privado, até aqueles dias, do comércio que fazia para além da barra, de onde recebia os negros, martim e cêra— quer de Bissau, de Geba, das ilhas dos Bijagós, do Rio de Nuno e, até, de alguns portos da Serra Leoa.

Mas desde que João de Lafuente e um seu irmão se apoderaram ilegalmente, pela força, de todos os portos e rios da Costa da Guiné, Cacheu principiava a decair até que chegou à mais extrema miséria, e os comerciantes, de braços cruzados, viam, dia a dia, desaparecer o seu negócio, em benefício de estranhos, e o seu futuro carregava-se de negros preságios.

A Capitania, por sua vez, era obrigada a enfrentar, cada vez em maior escala, os embaraços financeiros, visto os direitos decrescerem vertiginosamente na curva descendente e, assim, em pouco tempo atingiriam a sua expressão mais simples, pois os estrangeiros, sem o mínimo respeito pelas leis portuguesas, não pagavam os direitos da entrada e saída das suas respectivas mercadorias.

Como à força não podíamos responder com a força, os nossos direitos eram espézinhadados e escarnecidos e a nossa Soberania desantorizada e vscada.

Os franceses, protegidos pela sua própria força, que lhes dimanava da Ordem do seu Rei, comerciavam livremente e à

vontade, como em país conquistado, com o gentio—e com alguns portugueses que se haviam internado no mato, para não recumbirem de miséria na Praça, onde escasseavam os generos de toda a espécie e os poucos que havia eram vendidos por preços exorbitantes, chegando a atingir o inadmissível lucro de 200%.

Independentemente do comércio que faziam em larga escala—pudesse afirmar na quase totalidade—aproveitavam a ocasião, que lhes era própria para o efeito, para fazerem a propaganda, entre o gentio, de que eram os únicos brancos senhores daquele território e, por isso, lhe vendiam os artigos mais baratos e lhe compravam os produtos mais caros.

Essa propaganda era feita todos os dias, com arte, e obtinha os resultados desejados, pois o indígena convenciam-se de que lhe diziam a verdade e, assim, preferia comerciar com os estrangeiros do que com os portugueses.

As autoridades administrativas, por muita vontade que tivessem, com os recursos locais, achavam-se impotentes para mudar o curso a esse lastimável estado de coisas.

Por outro lado—e para isso muitas vezes lhes chamavam à atenção de Lisboa—um acesso de brio incontido poderia levá-los a excessos tais que comprometessem as relações existentes entre Portugal e a França.

Por isso, António de Barros Bezerra, limitava-se a comentar a deplorável questão e a pedir, insistentemente, providências, que tardiamente ou nunca chegavam...

E, atendendo à época, Portugal não podia dispor da força suficiente para defender os seus territórios ultramarinos, visto que, apenas, há 40 anos havia sacudido o jugo espanhol.

A França era uma poderosa nação e com a qual não podíamos medir forças, desde que abrissemos fogo contra os seus navios naquela Conquista para os expulsar de lá.

Por sua vez, a construção da Fortaleza na barra de Cacheu não resolvia o magno problema, que era da máxima acuidade, visto que o maior volume do comércio fazia-se nos diferentes portos e rios, fora do seu alcance e, por isso, a sua construção só se justificava para se opor a que os navios estrangeiros subissem o respectivo rio sem prévia autorização, como faziam até ali, sem respeito pelas ordens das autoridades locais e, consequentemente, pelos nossos direitos.

Impunha-se, pois, resolver um problema de tão capital importância, como era o da situação de Cacheu, não só para a região ou até para a

CARTA DE LAGO

(Continuação da 3.ª página)

ra põe uma acção de despejo contra o inquilino, alegando a falta de pagamento das rendas de alguns anos; e o juiz, embora seja evidente o inquilino continuar a não pagar, indefere a acção de despejo! Que vos parece? Se não é a lei a proteger os ladrões é a diversidade de interpretação a fazer de protectora dessa fauna dos afro-asiáticos, tão indesejável e inconscientemente tão protegida. Quem poderá agora esperar a protecção das alianças, dos pactos, das cartas da O.N.U.? No que toca à lei do inquilinato, já várias casas em Lago estão alugadas aos ratos e vão este ano ficar mais por conta desses afamados roedores, porque, embora ladrões são mais obedientes que os inquilinos racionais.

E, por hoje é tudo. Vosso J. Moreira

Guiné, mas, principalmente, para decoro e prestígio de Portugal.

Impunha-se essa defesa, em nome de todos os princípios, mas a falta de recursos ou o receio da quebra de relações com as nações usurpadoras deixaram arrastar a questão até à convenção, que nos foi altamente prejudicial, de 12 de Maio de 1886.

Cacheu, naqueles tempos, dependia, quase exclusivamente do comércio disperso pelos rios, portos, ilhas e continente—como atrás já me referi—e, por isso, era de toda a conveniência defendê-lo da avidez estranha, não só pelos lucros que representava, mas, também, por uma questão de brio e de nacionalidade.

Encarava-se o problema com todas as cautelas e procurava-se resolvê-lo com panos quentes, mas os estrangeiros, especialmente os franceses, continuavam a ter a liberdade de movimentos—visto que ninguém lhes ia às mãos—e aproveitavam bem o tempo para comerciarem com os indígenas, a seu belo talante, embora beneficiassem o gentio, fornecendo-lhe os géneros e os artefactos mais baratos, do que os portugueses, por os terem em primeira mão, isto é, por os receberem directamente e os transportarem nos seus próprios navios... e não pagarem os direitos alfandegários devidos!

E quem conhece o indígena sabe muito bem que ele é capaz de calcurrear muitos quilómetros, com os seus produtos às costas, por uma pequena diferença de preços em quilo, e o mesmo sucede se souber que em determinado centro comercial lhe vendem mais barato os artigos de pretende adquirir.

Para o gentio a distância não conta desde que daí lhe

Um povo de «reformados» em 1975

(Continuação da 1.ª página)

esta que se situa muito acima do índice de outros países europeus e até mesmo dos Estados Unidos. É evidente que uma sobrecarga excessiva reduz a vontade de trabalhar. Os psicólogos chegaram à conclusão que a idade de reforma de sessenta-e-cinco anos é demasiado baixa. O Prof. Jores, da Universidade de Hamburgo, verificou maior incidência da mortalidade logo após atingido o limite de idade. «O interesse na vida e a energia vital diminuem rapidamente nessa altura», indicou o conhecido psicólogo, «sobretudo os homens quasi nunca aprenderam a «viver» pura e simplesmente.» Por outro lado a reforma representa uma considerável perda de capital. Dizem as estatísticas que na Alemanha só depois dos

quarenta anos se amortizaram efectivamente as despesas da formação profissional, havendo só então um rendimento efectivo dos «investimentos». Por outro lado, os operários e os empregados mais idosos representam na economia um elemento de estabilização e de fidelidade ao trabalho. Compensa-se assim amplamente a perda de capacidade de reacção.

Ultimamente têm ventilado estes argumentos ao exigir que se dê «aos reformados e pensionistas» uma possibilidade de trabalharem. Surgiu uma proposta de solução interessante: a «terceira vida». Encara-se nessa solução a hipótese de os pensionistas e reformados iniciarem, depois dos sessenta-e-cinco anos, uma nova actividade, talvez menos absorvadora mas de rendimento efectivo para a economia. A solução do problema é tanto mais urgente, quanto os biólogos já indicam que os nossos netos atingirão com relativa facilidade a idade de cem anos.

GOÃES

(Continuação da 3.ª página)

que se vai alagando aos barancos subterrâneos.

Torna-se também muito lamentável a situação em que se encontram os caminhos públicos desta freguesia por não haver quem tome as devidas providências sobre os orifícios dos enchurros das águas brávas que infelizmente os proprietários confinantes tem a mania de colocar obstáculos nos mesmos orifícios para que as águas não prejudiquem as suas propriedades e não se encomodem de prejudicar o caminho público que muito tem custado a reparar e dentro em pouco tempo ficam piores do que antes.

É mais doloroso ainda muitas vezes deitam as águas das correntes ribeirinhas para os caminhos públicos, como eles fossem «Ribeiros».

A Ex.^{ma} Câmara têm posturas para esses transgressores o que falta é quem fiscalize no sentido de chamar a atenção dos responsáveis por tais crimes.

Aqui fica o apelo para as entidades superiores.

A. C. P.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

(Continua no próximo número)

Capacidades-projectadas

PARA O FUTURO

Os peritos da indústria siderúrgica alemã reuniram-se recentemente em Düsseldorf num congresso ao qual se deu a designação já tradicional de «Dia da Siderurgia 1961». Temia-se que desta vez os dirigentes da indústria siderúrgica da República Federal da Alemanha se apresentassem carancudos, pois nos últimos meses as encomendas diminuíram consideravelmente. Enquanto em meados de 1960 as encomendas em dossier ainda totalizavam 6 milhões de toneladas, o seu montante não vai hoje além de 3,5 milhões de toneladas. Essas encomendas correspondem ao trabalho de dois meses, e não de quatro meses, como anteriormente. Este ano a produção total de aço será de 33,4 milhões de toneladas, ou sejam 2% menos do que no ano passado. Não obstante a República Federal da Alemanha é o terceiro produtor de aço do mundo.

Apesar de todos os receios, as figuras de relevo desta indústria manifestaram em Düsseldorf a sua confiança no futuro. Na sua opinião, as actuais tendências regressivas não são indícios de uma fraqueza a longo prazo do mercado. O consumo de aço não diminuiu, como provam as encomendas em dossier das indústrias de bens de investimentos e os prazos de fornecimento relativamente longos. O comércio e os consumidores de aço tinham criado nos últimos anos estoques em face dos preços ascendentes e do prolongamento constante dos prazos de fornecimento. Contando-

-se agora com uma baixa dos preços, reduzem-se os estoques. A indústria de aço da República Federal da Alemanha já conhece este «ciclo dos estoques» que se repetiu nos últimos anos, cada vez que os prazos de fornecimento tendiam a se prolongar.

Pretende-se agora pôr termo a estas oscilações. De futuro não haverá prazos de fornecimento superiores a seis semanas. As actuais preocupações não invalidam o optimismo em relação ao futuro. Quasi todos os produtores de aço da Alemanha Ocidental entregaram-se à expansão. O volume dos investimentos excede todas as expectativas. Em 1961 dispenderam-se, para novos altos-fornos, instalações de sinterização, conversores e trens de laminação nada menos de 1,8 biliões de marcos (450 milhões de dólares). Em 1962 estão previstos investimentos num montante de 1,7 biliões de DM (425 milhões de dólares). O ritmo acelerado dos investimentos não é apenas consequência de uma provável expansão da procura mas da necessidade de promover a racionalização. Verificou-se, por exemplo, nos Estados Unidos, que aciarias ainda conseguem trabalhar com rendimento mesmo que a sua capacidade só seja utilizada em 50%. Aliás as instalações têm de corresponder a última palavra da técnica.

Uma série de novas instalações de sinterização permitem economias no processo de redução do minério de ferro. Hoje em dia os minérios são fragmentados e privados de maneira

A última Palavra

A mensagem dirigida pelo Chefe do Estado ao povo português, ouvida como sempre com o respeito devido à sua categoria pessoal e política, foi o ecoar fúnebre de um acontecimento irremediável com a perda do nosso Património Industrial. O desgosto que lhe pressentimos pela falta de apoio material das Nações amigas e aliadas reflectiu-se de tal modo em quase a totalidade da Nação que a vida de muitos sofrerá uma alteração tão profunda que só existirá uma verdade. Deus Super Omnia.

Que o manto da Pátria seja de crepes negros, até à ressurreição é o sentimento e a confiança que nos inspira a Justiça Divina na qual confiamos.

Elísio Gonçalves

a se manter regularidade no processo de transformação de minério em ferro. O consumo de coque baixou de quase 20 por cento. O processo de insuflação de oxigénio, designado também de «Processo LD» constitui uma autêntica revolução neste domínio. Nos próximos anos cerca de 20% do aço será produzido pelo «processo LD». Os investimentos são relativamente modestos em comparação com o rendimento efectivo destas instalações. Originariamente o processo LD só podia ser utilizado para minérios austríacos pobres em fósforo. Entretanto peritos da União Mineira conseguiram adaptar o processo ao minério rico em fósforo da Europa Ocidental. Não é exagero afirmar que a indústria de aço da República Federal da Alemanha projecta para o futuro.

Adegas Corporativas

Reconhecida como está sendo a criação de adegas corporativas, pela necessidade de melhorar a qualidade do vinho e o equilíbrio do seu preço, alguns concelhos e pela iniciativa dos vinicultores que reconhecem que a solução do magno problema Nacional não pode ter outra solução para os bem e mal intencionados, fundaram-nas limitando-se à voluntariedade. Mas por fora ficaram muito desconfiados ou com propósitos reservados para pôr em prática as suas mistificações continuando o vinho verde entregue á mercê da consciência desprovida de recurso para bem cumprir a sua missão de interesse colectivo. Urge por isso tornar obrigatória a associação e confiar os destinos á capacidade dos dirigentes. Devem as adegas ser o armazém fornecedor de vinho verde para o mercado Nacional e externo que será

uma garantia de qualidade. A fundação das adegas pode ser até um bom emprego de capital para quem quizer aplicar o seu dinheiro. Vejamos:

Amares produz normalmente 8.000 pipas. Devem vender-se 5.000 que a adega negociará a um preço acessível ao retalhista de 1.500\$00 por pipa. Se o pagar ao vinicultor com o desconto o de 5% para despesas gerais, alterações do produto e dividindo aos fundadores, tirará um lucro ou uma receita de 375 contos anuais que devem chegar subejamente. Mas ainda decerto é ao Estado que vai caber a tarefa de salvar uma situação que á anos se arrasta.

Elísio Gonçalves

Leia, Assine
Publique na
«Tribuna Livre»

Um Monstro

Laboriosa, em paz vivia a Gente
Das províncias de, Diu, Damão e Goa,
As pérolas mais bonitas da corôa
De Portugal em terras do Oriente,

Quando o bruto Nehru, que se apregoa
Inimigo da guerra e um ardente
Paladino da paz, qu'ê abençoa
Como o melhor maná p'ra toda a gente,

Desprezando a Razão e o Direito,
Arremete contra ela, este sujeito
Adorador da fouce e mais do malho...

Com trinta mil bandidos bem armados.
Atacou três milheiros de soldados!...
Mas que safado e cínico bandalho!!

UERBA

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

leas grandes, 10 de reparos, 3 vaivens de madeira com suas argolas de ferro e cadeias de ferro, dois vaivens mais pequenos, como os de cima com suas argolas, dois vaivens mais pequenos como os de cima com suas argolas e cadeias de ferro e quatro artilheiros de campo; 60 bombardeiros alemães, entre os quais viriam 6 para condestáveis 30 mosquetes grandes, todos de um pelouro, 120 morriões de arcabuses, 2.500 quintais de pólvora, 10 de bombarda e 1.500 de espingarda; 1.200 quintais de enxárcia sorteada de todas as sortes, 10 lanternas, 30 quintais de candeias de sebo em quartos, 100 quintais de cera, 20 baldes de couro, 400 cantaros de cobre; dez caldeirões de tirar água de poços, 10 de folha de lata, sorteados entre grandes e pequenos, sendo as três partes dos mais pequenos; dez gamelas de pau, 24 balanças com seus pesos para se dar regra de pão e queijo; doze balanças para se pesar pólvora e chumbo aos soldados; 40 sapatos de couro de diferentes medidas para gente de estatura grande, 50 morrões alcatroados para alumiar de noite como tochas, 3 barris de breu, 150 barris de alcatrão, 40 quintais de enxofre, 50 sacos de canhamação que pudessem levar cada um 6 a 7 alqueires de trigo, 8 escadas grandes quebradiças com sua ferragem, 200 varas de canhamação, 500 lonas para tendas, 4 engenhos para levantar a artilharia como soe em trazer em Alemanha os carros das condutas guardados com suas cadeias, pelo rol original assinado por D. Pedro de Alcáçova que El-Rei mandou dar a D. Nuno Alvares, e por carta de El-Rei em que lhe mandava que junto com Conrado Roch pusesse deligência em que tudo fosse bom e escolhido, escrita em 19 de Março. Depois mandou vir El-Rei mais 20 d. de arcabuses e 100 morriões por carta sua de 26 de Feve-

reiro. Na jornada de Africa foram perto de 1.000 velas, e só por lista dos armazéns se proveram 750; as dobras em Portugal em tempo de El-Rei D. Manuel batiam 360 reis cada uma como consta de um alvará de El-Rei D. João o 3.º porque deu a D. Francisco de Castelo-Branco, filho do Conde D. Martinho o officio de seu camareiro-mór com 10 dobras de 360 reis a dobra, ordenado dado no ano de 1524.

As coroas valiam a 120 reis, consta da escritura de dote que o Conde D. Martinho de Castelo-Branco fez a sua filha D. Guiomar de Noronha, quando casou com D. Rodrigo de Sá, alcaide-mór de Moura, a quem deu 90 coroas fora vestidos de sua pessoa, as quais á razão de 120 reis a coroa ficava sendo 10.800. A escritura foi feita a 20 de de 1507.

Cap. XXIII — Das cortesias que faziam os condes de Portugal quando eram visitados, o primeiro dia que os duques iam á Corte beijar as mãos a S. A. Recebia-os a Rainha em pé, e se estava alto dava três ou 4 passos dentro nele, e se estava na alcátifa no chão, sala um passo ou dois fora do estrado, o Duque entrava com todos os seus criados e, depois de ter beijado a mão a S. A., punha-se perto do estrado, a uma ilharga, em pé, enquanto os criados beijavam a mão, e, acabando, falava o Duque a S. A. duas palavras, se queria, senão punha-se de frente de S. A. e fazia-lhe uma mesura depois de entrados a primeira vez que vai falar á Rainha dá-lhes cadeira e manda-os cohrir e assim lhes fala; e, quando lhes fazem mesura, levantava-se S. A. assim á vinda como á ida.

O marquês de Vila-Real, estando S. A. em estrado baixo, só lhe dava passos quando entrava a primeira vez. Os marqueses e arcebispos quando fazem a mesura a S. A., sobe ele a cadeira como que sequer levantar, sem o fazer nem se bulir mais dela; e os condes, quando faziam mesura a S. A. punha somente os olhos neles. El-Rei

(CONTINUA)

Visado pela Comissão de Censura